

TRAJETÓRIAS DE ESCOLARIDADE DE ALUNOS/AS CAMPONESES/AS NA EDUCAÇÃO BÁSICA NO CAMPO

Emerson Augusto de Medeiros¹; Sarah Bezerra Luna Varela².

Universidade Federal Rural do Semi-Árido¹ - emerson.medeiros@ufersa.edu.br; Universidade Estadual do Ceará² - sarahvarela@hotmail.com

Resumo:

Este trabalho expõe reflexões suscitadas de uma pesquisa desenvolvida no Mestrado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Tem como objetivo central refletir acerca de trajetórias de escolaridade na Educação Básica no Campo de ex-alunos/as camponeses/as do Curso de Pedagogia do Projeto Pedagogia da Terra - UERN. Destacamos o método (auto) biográfico e de histórias de vida como central no trabalho, validando as narrativas dos/as ex-alunos/as como práticas de formação e (auto) formação, bem como as entrevistas de histórias de vida como técnica de coleta de informações. O referencial teórico que compõe a pesquisa tangencia suas contribuições com compreensões a respeito do papel heurístico e (auto) formativo do trabalho com histórias de vida na formação de sujeitos e na pesquisa em Educação. Reforçamos que as vozes que ecoam do campo dos participantes da pesquisa trazem, com ênfase, além de suas trajetórias de vida, recortes de seu itinerário na Educação Básica no Campo, dentro de seu percurso de vida escolar. A pertinência social e científica do trabalho ancora-se em um plano de formação e (auto) formação dos/as participantes do estudo, no qual pontuamos as histórias de vida como recurso para aprendizagem do sujeito, tendo como base suas próprias experiências. Consideraremos o vivido, o sentido e o universo simbólico articulado à existência dos sujeitos em formação. As histórias de vida abordam experiências plurais/singulares no campo e na educação, permitindo construir e dar sentido trajetórias de escolaridade na Educação Básica dos sujeitos da pesquisa.

Palavras-chave: Educação do Campo, Educação Básica, Formação.

Introdução

O presente texto tenciona construir uma discussão sobre trajetórias de escolaridade na Educação Básica no Campo, de ex-alunos/as camponeses/as, do Curso de Pedagogia, do Projeto Pedagogia da Terra - UERN. Salientamos que o estudo advém de uma pesquisa desenvolvida no Mestrado em Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. O trabalho ancora-se em recortes das histórias de vida dos sujeitos da pesquisa.

Os estudos com histórias de vida segundo Delory-Momberger (2008) vêm crescendo fortemente no cenário educativo contemporâneo. Enquanto conjunto de representações que o sujeito constrói da própria vida e de sua história, a história de vida tornou-se um componente essencial para investigação no campo educativo.

O sujeito ao apresentar-se, descortinar-se, falar de si, instala um sistema de interpretação e de construção que situa, une e faz significar os acontecimentos da vida como elementos organizados no interior de um todo.

Nesse contexto, objetivamos refletir acerca de trajetórias de escolaridade na Educação Básica no Campo de ex-alunos/as camponeses/as do Curso de Pedagogia, do Projeto Pedagogia da Terra - UERN.

A pesquisa fundamenta-se na abordagem qualitativa de investigação, a qual entende as práticas sociais como atividades humanas carregadas de significados dando sentido, à vida dos que dela participa (MEDEIROS; VARELA; NUNES, 2017). No mesmo sentido, elegemos as entrevistas de histórias de vida como técnica de coleta de informações.

Os participantes do estudo são três ex-alunos/as camponeses/as do Curso de Pedagogia, do Projeto Pedagogia da Terra - UERN. O texto encontra-se estruturado em três seções.

Considerando a amplitude da discussão, apresentamos aqui parte das trajetórias educativas vividas pelos sujeitos do estudo. Inicialmente, trataremos uma discussão sobre a Educação do Campo, bem ainda, o contexto formativo articulado às histórias de vida dos ex-alunos/as camponeses/as. Posteriormente, apresentaremos a formação exercida durante o percurso de escolaridade na Educação Básica. Assim, realçaremos as idas e vindas às escolas, as aprendizagens formadas no itinerário rememorado e as trajetórias dos/as camponeses/as em busca de escolarização. Na última seção, abordaremos as considerações da pesquisa.

Educação do Campo: caminhos, conversas e convivências

Falar sobre a educação do campo não é tarefa fácil, na medida em que esta é uma temática relativamente em construção no campo acadêmico e educacional, ainda trilhando seus primeiros passos, no que concerne ao seu processo de identidade como tal.

Segundo Arroyo, Caldart e Molina (2008) o conceito de educação do campo existe há pouco mais de 18 anos. Ele remete a I Conferência Nacional “Por uma Educação Básica do Campo” realizada em Luziânia - GO, em 1998, evento considerado como um “batismo coletivo” pelo direito à educação camponesa, por meio das lutas dos movimentos sociais e de educadores/as do campo.

Estudos realizados por Fernandes (2008) dizem que a educação das populações rurais¹ desde sua origem, mais especificamente na década de 30 do século passado, fez-se, em sua maioria, de modo paliativo e paternalista.

Programas de alfabetização, programas de formação, projetos de ensino, educação comunitária e assistência técnica, cursos de extensão foram algumas das iniciativas destinadas às populações rurais. Essas ações implementadas na educação dos povos do campo são destacadas pelo autor como ações que visam moldar o campo, adestrando suas populações às culturas baseadas na competição e no desenvolvimento produtivo do mercado.

Durante o itinerário educativo dos povos do campo, consolidou-se uma educação rural², uma educação bancária, uma educação da “escolinha cai não cai”, uma educação do ensino multisseriado (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2008); educação considerada imprópria às suas populações. As falas dos/as participantes do estudo somam-se aos nossos escritos:

Era uma escola simples. [...] Era difícil né. Eu estudei até a quarta. Depois fui para Angicos, na escola era até a quarta série. Eu lembro que estudei muito tempo com uma professora. E que vinha outros da cidade, dar aula na escola. Não tinha direção, o supervisor vinha uma vez a cada quinze dias. A estrutura física, digamos assim, que era um amontoado de salas, três né! Uma cozinha, uma salinha para a secretaria e um banheiro para os dois sexos (Entrevista feita com a ex-aluna camponesa 1³ do Curso de Pedagogia, do Projeto Pedagogia da Terra - UERN, Mossoró/RN).

A formação que tive foi no campo, mas não era voltada para o campo. Primeiramente o material didático não vinha com condições para o ensino no campo. Não trabalhavam o aluno, não tinha incentivos de formar o aluno para o campo, para ele morar no campo. Ensinar coisas daqui como os animais do campo. Isso acontecia com o currículo, os conteúdos, tudo era de outros lugares, menos daqui. (Entrevista feita com a ex-aluna camponesa 2 do Curso de Pedagogia, do Projeto Pedagogia da Terra - UERN, Mossoró/RN).

As narrativas dos protagonistas do estudo trazem vivências e experiências na educação do campo. As falas escrevem sobre uma educação construída para o coletivo camponês, elas abrem veredas de interpretação a respeito do ensino e da proposta formativa presente nas escolas campestres, as quais foram lugares de formação para os/as participantes do estudo.

Para Delory-Momberger (2008, p.91),

¹ Fernandes (2008) ao falar da educação para as populações rurais refere-se às propostas criadas pelo poder público.

² Para compreender melhor as diferenças terminológicas acerca do conceito de educação rural e educação do campo, ver: MEDEIROS, Emerson Augusto de; DIAS, Ana Maria Iório. O Estado da Arte sobre a Pesquisa em Educação do Campo na Região Nordeste (1998 – 2015). *Cadernos de Pesquisa*, São Luís, v. 22, n. 03, p. 115 – 132, set./dez. 2015.

³ Com a intenção de resguardar a identidade dos/as participantes do estudo, não apresentaremos seus nomes.

[...] as narrativas articulam, através de um olhar retrospectivo e prospectivo sobre si, possibilidades de compreensão de processos e fenômenos socioeducativos, mais especificamente, aqueles relacionados à trajetória de vida do sujeito em sua singularidade.

Souza (2008), ao concordar com os escritos da autora supracitada, define que a narrativa dá forma ao vivido e as experiências humanas. Ele entende a narração não somente como mecanismo de coleta de informações, ela é o lugar no qual o indivíduo toma forma, elabora e experimenta a história de sua vida.

A consciência construída sobre si, desperta no momento em que mergulhamos no passado. O material da vida (trajetória), heterogêneo, plural/singular, adquire coerência tornando-se (auto) conhecimento, permitindo ao sujeito em construção compreender sua vida, dentro do projeto social a que pertence.

Souza (2008) acrescenta que o trabalho com histórias de vida oportuniza apreender as significações que uma sociedade deu ao contexto e ao convívio entre os sujeitos. A época da história, o sistema cultural, o grupo e suas relações aparecem no seio da história rememorada.

Refletindo sobre o contexto educativo presente nas narrativas das ex-alunas camponesas do Curso de Pedagogia, do Projeto Pedagogia da Terra – UERN, é perceptível a tendência de um ensino que desconsidera a formação integral dos sujeitos que vivem do/no campo. É sabido, que a educação enquanto prática social deve fortalecer a formação plena do indivíduo. O conhecimento, a trajetória e a história de vida, o contexto sociocultural são ícones a se atentar na construção formativa dessa educação.

A ex-aluna camponesa 1 do Curso de Pedagogia, do Projeto Pedagogia da Terra – UERN, diz de uma educação vivida por si na Educação Básica no Campo, educação também vivida por jovens, crianças, homens e mulheres do campo; seres humanos que articulam sua existência a esse mundo-campo. Ela confirma as fragilidades latentes nas instituições de ensino dos espaços rurais, no que tange a formar e a fazer educação.

A ex-aluna camponesa 1 do Curso de Pedagogia, do Projeto Pedagogia da Terra – UERN, fala das dificuldades no ensino, da falta de professores/as do campo, dos déficits na gestão escolar, no sistema educativo como um todo. Sua narração instiga-nos a olhar a trajetória educativa das populações rurais, convida-nos a pensar em uma educação como prática de formação, como prática para a liberdade para os povos do campo (FREIRE, 2005). Sua história de vida versa sobre a prática de formação dos/as professores/as, a estrutura física da instituição e a organização da educação campestre⁴.

⁴ Pontuamos que a ex-aluna camponesa 1 do Curso de Pedagogia, do Projeto Pedagogia da Terra – UERN, ao se reportar à educação, rememora fragmentos de sua escolaridade que datam os anos noventa.

A ex-aluna camponesa 2 do Curso de Pedagogia, do Projeto Pedagogia da Terra – UERN, por sua vez, ao descortinar sua trajetória formativa, mostra consciência a respeito do ensino e da proposta educativa que viveu. Ela reconhece a falta de incentivo para a formação e para as escolas das comunidades campestres, denunciando o currículo, os conteúdos e as práticas pedagógicas dos/as formadores/as.

Emerge nas trajetórias estudantis dos sujeitos da pesquisa o silenciamento do poder público. Na apresentação da ex-aluna camponesa 2 do Curso de Pedagogia, do Projeto Pedagogia da Terra – UERN, o currículo não representa as especificidades locais, os conteúdos ritualizam um modelo “monocultural de conhecimento”. Ela enfatiza a falha nos projetos e programas destinados ao campo, os quais não creditam a construção e a formação social do sujeito, possibilitando-o a continuar sua vida dignamente no campo.

Arroyo, Caldart e Molina (2008) alertam que muitas das políticas educacionais vigentes inferiorizam o camponês. A democratização da educação e a inclusão das populações do campo no sistema educacional são falsas. Não há um real interesse por uma formação para agricultura familiar, para as crenças, os valores, os saberes e fazeres do homem e da mulher camponesa.

A educação tencionada durante décadas nas propostas oriundas do poder público para o campo é, na perspectiva desses autores, a educação que alfabetiza, que ensina apenas a fazer o nome, que nega a identidade camponesa, o espírito coletivo e de pertença do homem e da mulher do campo.

Fernandes (2008) diz que a educação do campo, modalidade educativa no contexto nacional, precisa desenvolver sua proposta voltada para as necessidades de suas populações, garantindo qualidade⁵, tornando-se o centro aglutinador e divulgador da cultura da comunidade, incorporando-se às exigências de nosso espaço terrestre.

O cenário delineado no texto e apresentado nas trajetórias de escolaridade das participantes do estudo é relevante para impulsionar ações de educadores/as e de movimentos sociais do campo no sentido de reivindicar políticas educacionais públicas de formação de professores/as para a educação do campo.

⁵ Ao utilizarmos o termo “qualidade” neste estudo, fundamentamo-nos nos escritos de: ZABALZA, Miguel A. **Desafios para uma escola de qualidade no novo milênio**. Ribeirão Preto, SP: Ed. Futuro, 2003. Esse autor diz que definir qualidade em educação é tarefa complexa, mas a definição que considera mais rica é a que se situa em ações que comprometem os sujeitos e o funcionamento global das instituições em que se formam.

As trajetórias de escolarização das camponesas, sujeitos da pesquisa, estão permeadas pelo contexto histórico e social, em que se inseriram. Há marcas deixadas no caminho, nas vivências e nas conversas da/na vida, na própria escolarização.

Olhe, assim, a pessoa né que sou, depende do que fui no meu passado. Meus pais me educaram muito bem. Já na escola não tive lá essas coisas. Aprendi sim, talvez aprendi até muito, mas poderia ter sido melhor. Batalhei para chegar até aqui, sou professor, hoje batalho na educação, tento fazer o que não tive. Não posso cobrar muito daquela época, tudo era diferente. Mas assim, tudo tem consequência (Entrevista feita com o ex-aluno camponês 3 do Curso de Pedagogia, do Projeto Pedagogia da Terra - UERN, Mossoró/RN).

O ex-aluno camponês 3 do Curso de Pedagogia, do Projeto Pedagogia da Terra – UERN, ao abrir sua vida e contar sua trajetória demonstra a influência de suas vivências na formação que construiu na vida. Ele ao mencionar que “a pessoa né que sou, depende do que fui no meu passado” consolida sua interpretação sobre o seu ser humano. Percebe sua identidade como fruto do que viveu. Ele destaca que não pode culpar sua época (contexto e lugar de vida) a respeito da fragilidade na educação que teve. Admite consequências oriundas desse período.

A narrativa do ex-aluno camponês 3 do Curso de Pedagogia, do Projeto Pedagogia da Terra – UERN, também evidencia alguns dos caminhos por ele percorridos, traz sua vivência na Educação Básica no Campo, fala de sua profissão, de sua luta para levar aos lugares rurais o que aprendeu e conseguiu na história de vida.

Souza (2008) acentua que construímos nossa personalidade, nossos valores, nossas crenças e nossos modos de ser, conforme as experiências vividas durante a trajetória de vida. O participante da pesquisa narra parte de seu itinerário educativo, evidencia experiências na educação, as quais contribuíram para sua formação.

Apesar das decepções apresentadas nas narrativas dos/as participantes do estudo, a respeito do direito a uma educação de qualidade para as populações camponesas, pontuamos conquistas que são frutos de sujeitos que acreditam e vivem na luta por uma educação pública do campo, defendendo uma bandeira, a qual tem objetivado igualdade, respeito, formação de qualidade para a educação das populações campestres.

Em alguns Estados do país o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, unindo-se com órgãos governamentais, criou cursos de formação – em nível médio e superior - tencionando qualificar profissionais hábeis ao desenvolvimento dos espaços rurais. Aqui, podemos destacar a Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo, a qual se destina, em nível nacional, a promover uma formação de professores/as do

campo. Sua proposta formativa vislumbra formar educadores/as da educação do campo, capazes de responder às necessidades políticas e institucionais nos espaços campestres, contribuindo no seu desenvolvimento sustentável, com base nas culturas locais (MOLINA; HAGE, 2015).

Cabe ressaltar também as Escolas-Famílias Agrícolas – EFAs, integrantes dos Centros Familiares de Formação por Alternância - CEFAs, situadas em dezenove Estados brasileiros. Essas escolas, bem como os centros de formação por alternância, têm impulsionado a pertinência e a necessidade de escolas e ambientes de formação com a cara do campo, contribuindo na formação de filhos de pequenos agricultores. Na mesma defesa de uma vida digna no campo, a nível local, o Curso de Pedagogia do Projeto Pedagogia da Terra da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN ajudou às populações camponesas a formar professores para lecionarem e construir uma educação do campo, de acordo com as particularidades de cada contexto (MEDEIROS, 2013).

As conquistas citadas advêm das lutas e das buscas que o homem e a mulher camponesa com seu jeito de viver, de fazer e de ser, vêm atrelando às suas lutas e trabalho no espaço em que habita.

Dentro do cenário apresentado neste texto, acrescentamos que os discursos, as narrativas e os ditos informam um campo em movimento, um campo com sujeitos, seres humanos, com caras e nomes, camponeses capazes de aprender, fazer, criar e viver.

É partindo desse mundo-campo, com a força de todos os dias, que o/a camponês/a advoga uma educação concretizada nas plurais maneiras de ver e sentir o campo e suas realidades.

Trajetórias (Outras) de Escolaridade na Educação Básica no Campo: recortes de um olhar sobre si

Nas histórias de vida estão as marcas de um tempo, as ressignificações dos episódios marcantes, a essência de sujeitos que se (auto) narram. Nelas, os/as narradores/as falam de suas próprias vidas, atores e autores mostram seu palco, o camarim de seus acontecimentos, os bastidores que antecedem a formação.

Nas narrativas aqui estudadas foi possível perceber sujeitos em construção, dificuldades, superações, momentos charneiras (JOSSO, 2010), vivenciados na Educação Básica no Campo pelos protagonistas do estudo.

Eu caminhava até a pista, tinha que sair de casa as cinco, o carro que nos pegava na parada saía às seis. [...] Se atrasasse perdia a aula. Foi assim que aconteceu todo o Ensino Médio. [...] Não fui morar em Angicos, não tinha onde ficar. Até a oitava série era diferente, o carro ia pegar quase na porta. Tinha a questão do horário né, era de tarde. [...] Assim que iniciei queria desistir, mas meu pai não deixou. [...] Eu chegava tarde em casa. No caminho cansei de ver o carro quebrando. Fora que lá de casa até a pista era um estirão. Tinha que botar as pernas para andar mesmo e pegar a estrada. [...] Eu saía de cinco horas e quando era de volta meu pai tinha que ir esperar. [...] Eu volto ao meu passado e fico meio emocionada porque foram assim, momentos difíceis. Desde a base até hoje mesmo. [...] você olha sua vida e sabe o que passou (Entrevista feita com a ex-aluna camponesa 1 do Curso de Pedagogia, do Projeto Pedagogia da Terra - UERN, Mossoró/RN).

Os ditos da ex-aluna camponesa 1 do Curso de Pedagogia, do Projeto Pedagogia da Terra – UERN, abordam os deslocamentos, a caminhada empreendida em sua itinerância no Ensino Médio. Como uma atividade reflexiva, sua narração mobiliza para uma tomada de consciência de si: “Eu volto ao passado e fico meio emocionada”, “Você olha sua vida e sabe o que passou”, ela constrói um pensamento sobre o vivido, passa pelas conjunturas formativas desse período escolar e gradativamente faz de suas lembranças, consciência.

Josso (2010, p.108) acrescenta que “a recordação implica imaginação e composição, implica certo sentido do que somos”. A participante da pesquisa faz uma descrição de si mesma apontando dificuldades e superações, com o pé na estrada caminhava em busca da escolarização, de uma formação para a vida. Seu pai aparece em sua narrativa como um sustentáculo nos momentos de insegurança e de desmotivação para continuar os estudos.

O carro quebrando, o estirão a caminhar, sair às cinco horas para aula na cidade e retornar tarde da noite, seu pai a esperar são símbolos, lembranças, acontecimentos que ficarão eternizados em sua memória. A formação da participante do estudo, trilha por esses caminhos, perpassa por esses acontecimentos servindo de âncora às suas experiências, ensina a quem ouve e forma ao seu sujeito.

Seu olhar sobre si, no decorrer da entrevista, demarca espaços e tempos, singularidades de sua vida. O tempo e os espaços de estudos na Educação Básica certamente ao serem lembrados, falados em outros momentos e ocasiões se articularão aos acontecimentos descritos neste texto por ela.

Acreditamos que sua história de vida trazendo suas marcas pessoais, recortes de momentos singulares (pois se fizeram em um período específico da vida) e plurais (fizeram parte de sua história de vida) contribuiu em seu projeto pessoal e profissional de formação, pois, corroboramos com as ideias de Delory-Momberger (2008) ao pensarmos que a arte de

narrar inscreve-se como possibilidade de situar o sujeito em sua própria história, orientando a novos caminhos a partir do vivido.

O ex-aluno camponês 3 do Curso de Pedagogia, do Projeto Pedagogia da Terra – UERN, sujeito deste estudo, também apresentou suas vivências no Ensino Médio, dizendo de um tempo particular de sua história, concebendo esse período como fundante na trajetória. Sua narração permitiu em parte que ele compreendesse como sua transformação e formação foram sendo lapidadas, fazendo-o ser o sujeito presente.

A época no Ensino Médio foi muito marcante em minha história. Conheci minha esposa, casei nesse mesmo tempo, tive minha primeira filha. [...] Comecei a trabalhar mais no pesado para assumir as responsabilidades. [...] Estudei à noite nesse período, eu trabalhava o dia inteiro e à noite eu ia para a escola. [...] morei um tempo, [...] não muito na casa de meu sogro [...] era no sítio. [...] eu acabava a luta quase no horário da aula, ainda tinha que caminhar uns vinte minutos, só dava tempo pegar o caderno e ir. [...] isso ensina a gente ser melhor (Entrevista feita com o ex-aluno camponês 3 do Curso de Pedagogia, do Projeto Pedagogia da Terra - UERN, Mossoró/RN)

O sujeito da pesquisa supracitado narrando, falando, dizendo de si, recortando de sua história vivências e períodos no Ensino Médio, traz fortes feitos exercidos em seu viver. A esposa, o casamento, a filha, a formação da família, a vivência com o sogro, a correria para ir à escola foram acontecimentos decisivos e únicos na sua trajetória.

O tempo de escolarização no Ensino Médio como bem afirmado em seus ditos - “A época no Ensino Médio foi muito marcante em minha história” - ocupa grande relevância no contexto de seu fazer existencial. Podemos apreender, com base em sua narrativa, que historicamente parte das mudanças e transformações ocorrida na vida se desencadeou nesse cenário.

Josso (2010) denomina essas fases singulares na vida que arrebatam a trajetória e constroem rupturas formativas como “Momentos Charneiras”. Esses momentos caracterizam-se de forma que o sujeito aprendente ultrapassa percepções antes construídas. Continuidades e discontinuidades são formadas pelas circunstâncias, são também momentos plurais e heterogêneos, pois envolvem uma grade de referências, porém, consolidam-se e enraízam-se para sempre na vida e no conhecimento do sujeito.

A apresentação de si, narrada por pelo participante do estudo, referencia alguns destes “momentos charneiras”, fases de sua vida plurais e eternizáveis construídas coletivamente articulam-se ao seu itinerário escolar na Educação Básica.

A ex-aluna camponesa 2 do Curso de Pedagogia, do Projeto Pedagogia da Terra – UERN, do mesmo modo, fala desses “momentos charneiras” em sua história de vida. Para ela,

as vivências no Ensino Médio foram essenciais na escolha da profissão.

Mesmo [...] pequena eu queria ser professora. Eu fazia um movimento lá em casa, a professora era sempre eu, ensinava meus irmãos. [...] Quando fui estudar em Campo Grande entrei na educação. [...] No sítio onde eu morava poucos sabiam ler. Como eu estava terminando o Ensino Médio, muita gente pedia para eu ensinar a ler. [...] Eu vinha nos fins de semana, pegava o que era de caderno, de conteúdos que os professores passavam e ensinava aqui. Nesse mesmo tempo trabalhei em uma escolinha particular. [...] O Ensino de Campo Grande que na época era Augusto Severo era melhor que o daqui. Os professores tinham moral, ensinavam porque sabiam. [...] Se eu for analisar essa época foi muito boa para minha carreira de professora (Entrevista feita com a ex-aluna camponesa 2 do Curso de Pedagogia, do Projeto Pedagogia da Terra - UERN, Mossoró/RN).

Ter o Ensino Médio, como bem narra a participante da pesquisa, era nas comunidades rurais um forte requisito para adentrar no ofício de professor/a. Sua narração comprova claramente essa afirmação “como eu estava terminando o Ensino Médio muita gente pedia para eu ensinar a ler”. No mesmo sentido, seus ditos reafirmam as demais narrativas destacadas neste texto. Ela diz de um Ensino Médio inexistente para as populações do campo, realidade pouco mudada no contexto atual, o qual é cursado pelos/as camponeses/as em cidades próximas, algumas vezes, das comunidades em que vivem.

Arroyo, Caldart e Molina (2008) informam que na maioria dos Estados do país o Ensino Médio não se apresenta como parte da educação do campo. As escolas no campo possuem apenas os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Para finalizar, acrescentamos que a fala da participante do estudo ao expressar esse recorte de sua educação convida-nos a pensar de forma reflexiva sobre os trabalhos que se delineiam a reconstrução da vida, objetivando a formação e (auto) formação.

Considerações Finais

Todos nós, homens, mulheres, jovens, crianças e sujeitos da terceira idade, temos histórias para contar. Histórias construídas em lugares, em estradas, em caminhos e veredas da vida, histórias que se escrevem em cadernos (nossa memória). Dentro desse palco que é nossa trajetória guardamos lembranças, tempos, pessoas e acontecimentos permitindo-nos ser o que somos.

A história de vida credita o sujeito aprender com esse vivido, com as experiências, ou seja, através do contato direto consigo mesmo. Formação e (auto) formação entrelaçam-se em uma única esfera. Esse trabalho de reconstrução de si, instaura-se como fértil elemento construtor de conhecimentos, na medida em que parte da

historicidade e subjetividade do sujeito, remetendo-o a refletir sobre seu próprio percurso de formação.

Neste estudo não foi diferente. Ele inscreveu-se em uma tentativa de perpassar por momentos vividos, trajetórias de ex-alunos do Curso de Pedagogia, do Projeto Pedagogia da Terra - UERN, sujeitos aprendentes que ao falarem de si, pensaram, sentiram seu próprio eu. Com as narrativas conhecemos cotidianos, singularidades de histórias individuais e coletivas formadas na Educação Básica.

Por fim, deixamos a você leitor o desafio de encontrar nas linhas escritas e nas histórias de vida dos/as camponeses/as, situações a pensar para a Educação Básica do Campo.

Referências

ARROIO, Miguel; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.). **Por uma educação no campo**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e Educação: Figuras do indivíduo projeto**. Tradução de Maria da Conceição Passegi. Natal – RN: EDUFRN, 2008.

FERNANDES, Bernardo M. **Os campos da pesquisa em Educação do Campo**. Brasília, Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 46. Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2005.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2010.

MEDEIROS, Emerson Augusto de; VARELA, Sarah Bezerra Luna; NUNES, João Batista Carvalho. Abordagem Qualitativa: estudo na Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (2004 – 2014). *Revista Holos*, v.2, p. 174-189, 2017.

_____. **Do campo à universidade: histórias, saberes, experiências, fazeres e a formação no Curso de Licenciatura em Pedagogia da Terra**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mossoró – RN, 2013.

MOLINA, Mônica Castagna; HAGE, Salomão Mufarrej. Política de formação de educadores do campo no contexto da expansão superior. *Revista Educação em Questão*, Natal, v.51, n.37, p. 121 - 146, jan./abril. 2015.

SOUZA, Elizeu C. de. **Conhecimento de Si: Narrativas e trajetórias no Estágio Supervisionado**. Natal/RN: EDUFRN, 2008.

